



REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS

**Ciências e Técnicas  
do Património**

UNIVERSIDADE DO PORTO

**Homenagem a  
Armando Coelho Ferreira da Silva**

**Volume XII PORTO 2013**

# *Moita da Ladra 2 (Vila Franca de Xira), um sítio ritual do Bronze Final da região de Lisboa*

João Luís CARDOSO  
UNIVERSIDADE ABERTA

## **Resumo**

Apresenta-se o resultado das escavações efectuadas em Julho de 2003 na estação do Bronze Final de Moita da Ladra 2 (Vila Franca de Xira, Distrito de Lisboa), onde foi identificado ritual de características até hoje desconhecidas no território português. Tal ritual encontra-se documentado pela seguinte sequência: 1 – abertura de covachos ou de depressões no terreno, constituído por calcários brandos muito alterados por metamorfismo de contacto; 2 – Deposição nos espaços previamente definidos de fragmentos de grandes recipientes; 3 – colocação em alguns casos de recipientes de menores dimensões inteiros sobre os anteriores; 4 – realização de combustão de matérias orgânicas animais, como indica a presença de fragmentos ósseos escurecidos pelo fogo dos quais só uma ínfima parte foram identificados (veado, ovino-caprinos).

**Palavras-chave:** Lisboa; Bronze Final; práticas rituais.

## **Abstract**

During the excavations performed on July 2003 in the settlement from Late Bronze Age of Moita da Ladra 2 (Vila Franca) we identified a ritual practice with characteristics unknown till now in Portugal. Such a ritual is documented in the following sequence: 1 – opening of pits or depressions in the ground which is composed of soft limestone altered by contact metamorphism; 2 – deposition in these holes of large fragments of vases of several types; 3 – placement in some cases of smaller vases close to the previous; 4 – combustion of animal remains, indicated by the presence of bone fragments darkened by fire of which only a small part were identified (veado, ovicaprids).

**Key-words:** Lisbon; Late Bronze Age; ritual practices.

## **1 – Introdução. Localização**

Em 2003, foi realizada intervenção arqueológica no âmbito da minimização do impacto ambiental decorrente da lavra da pedreira de basalto Moita da Ladra (Fig. 1), realizada pela EMERITA – Empresa Portuguesa de Arqueologia Lda., sob a orientação geral do signatário e a co-orientação de João Carlos Caninas, Sócio-Gerente da referida empresa.

Tal a intervenção arqueológica centrou-se no topo da chaminé basáltica interessada pela referida exploração (Fig. 2), na qual se confirmou a existência de um importante povoado calcolítico fortificado, que viria ser escavado na íntegra nos anos subsequentes, terminando apenas em 2006, existindo já um desenvolvido estudo publicado sobre os principais resultados e espólios obtidos (Cardoso e Caninas, 2010).

Logo em 2003, foi também considerada de potencial interesse arqueológico a área situada imediatamente a norte e a noroeste daquela singularidade geológica (Fig. 3), onde já se tinha recolhido à superfície fragmento cerâmico do Bronze Final (Fig. 18, em cima), que se juntou aos recolhidos em Moita da Ladra 1. Assim, este outro local foi designado por Moita da Ladra 2, para o diferenciar do povoado calcolítico.

As respectivas coordenadas geográficas são as seguintes, lidas na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, folha n.º 403: Latitude N: 38º 53'30''; Longitude W de Greenwich: 09º 03'58'', situando-se o local a cerca de 226 m de altitude (Fig. 4).

## **2 – Trabalhos realizados**

Os trabalhos, autorizados com base em pedido assinado pelo signatário a 26 de Junho de 2003, dirigido ao então Instituto Português de Arqueologia, decorreram de 7 a 12 de Julho de 2003. Neles participaram, como colaboradores, os seguintes elementos: Dr. Mário Mascarenhas Monteiro, Dr. José Neves, Dr. Filipe Santos Martins e Dr.ª Marta Araújo, que puseram a descoberto, por meios manuais, coadjuvados pontualmente por meios mecânicos devidamente acompanhados, na área onde anteriormente se tinha identificado o referido fragmento de vaso da Idade do Bronze associado a ossos queimados, um conjunto de duas depressões existentes no substrato geológico (Fig. 5), constituído por calcários brandos do Cretácico, muito alterados e metamorfizados pela intrusão basáltica. Naquelas duas depressões depositaram-se diversos fragmentos de vasos, associados a escassos ossos queimados e cinzas, o que configurava, conforme foi admitido no relatório elaborado desses trabalhos, uma necrópole de incineração do Bronze Final.

Tais vestígios, embora concentrando-se em área muito circunscrita, podiam corresponder a um núcleo isolado de um complexo arqueológico mais vasto e importante. Deste modo, a intervenção prosseguiu em Setembro, com a abertura de extensas valas por meios mecânicos, aprofundadas até ao substrato, situadas no espaço entre o local identificado e o da implantação do povoado calcolítico, no topo do morro basáltico, paralelas à futura frente ocidental da pedreira (Fig. 6). Não obstante a extensão destes trabalhos, os mesmos não conduziram a quaisquer outras identificações, admitindo-se, no respectivo relatório, datado de 28 de Junho de 2004, que, tendo presente que a pedreira iria incidir em outras zonas situadas a ocidente das intervencionadas, se justificaria, no âmbito do prosseguimento dos trabalhos arqueológicos, a realização de sondagens mecânicas limitadas em tais locais. Com efeito, esta recomendação foi ulteriormente

seguida, pela equipa que deu continuidade aos trabalhos, sob a direcção do Dr. Mário Mascarenhas Monteiro, tendo ficado acordado com o Mestre João Carlos Caninas, que os resultados obtidos em 2003 pudessem ser dados a conhecer logo que o signatário o entendesse adequado.

É por isso que, neste volume de Homenagem dedicado ao Prof. Doutor Armando Coelho, arqueólogo que se destacou pelos seus contributos para o conhecimento do Bronze Final e da Idade do Ferro do Norte do País, se considera ter chegado o momento de dar publicamente a conhecer os resultados obtidos em 2003, os quais, embora ocupando uma limitada área de terreno, permitiram evidenciar uma situação arqueológica até então desconhecida em território português, de cunho ritual, atribuída ao final do Bronze Final, pois, como se verá, os testemunhos recuperados não respeitam a prática funerária, ao contrário do que então se admitiu.

### **3 – Estruturas e espólios arqueológicos**

Na área interessada pelos trabalhos realizados em Moita da Ladra 2, as duas referidas depressões escavadas no substrato geológico, de morfologias muito distintas (Fig. 7), encontravam-se relacionadas com diversos espólios, igualmente de diversas tipologias; umas e outros serão caracterizados de forma articulada, dado constituírem uma única realidade arqueológica, que importa conhecer convenientemente.

**Conjunto 1** – O primeiro conjunto de recipientes cerâmicos foi depositado numa depressão escavada no substrato geológico, delimitada do lado do declive da encosta por um bloco irregular. O fundo do espaço circunscrito e limitado assim criado, de contorno irregular, foi revestido por um conjunto de fragmentos de uma grande taça de carena alta, produção típica do Bronze Final, de coloração castanho-anegrada, de grandes dimensões. Tal como é comum neste tipo de produções, a carena encontra-se munida de pares de mamilos perfurados, destinados à suspensão ou à fixação de pegas de corda ou de outra matéria orgânica, por forma a facilitar o manuseamento (Fig. 18, em baixo; Fig. 20, em cima, à direita). Afigura-se evidente que tais fragmentos foram colocados intencionalmente, alguns de cutelo, outros horizontalmente, assentes sobre uma camada de pequenos blocos, por forma a revestir e a regularizar a parte inferior daquele espaço (Fig. 8). Sobre estes fragmentos, formando como que uma “cama” colocou-se, em posição vertical, um vaso de colo alto, de menores dimensões, com carena saliente angulosa, munido de uma asa que parte do bordo e atinge a carena do recipiente, de coloração castanha a anegrada, conforme o ambiente final de cozedura, mais ou menos oxidante (Fig. 18, ao centro; Fig. 20, em cima à esquerda). É presumível que tal peça tivesse sido colocada intacta, encimando o conjunto (Fig. 9 e 10). O aspecto dos sedimentos que preenchiam por completo a depressão previamente existente apresentavam coloração castanho-anegrada e textura terrosa, com abundante matéria orgânica, de mistura com pequenos blocos pétreos e alguns restos ósseos escurecidos pelo fogo, dos quais apenas um pôde ser identificado com segurança, correspondendo a um fragmento de primeira falange de veado (*Cervus elaphus*) (Fig. 11, em cima, à direita). Outras esquirolas, pelo tamanho e espessura da tábua óssea, são compatíveis com ovino-caprinos. É crível, pois, que dentro da referida depressão tivesse sido ateado o fogo e manipuladas porções de animais, ali depositadas e totalmente queimadas, cuja matéria orgânica, no decurso do processo, acabou por impregnar as

terras envolventes, e escurecer profundamente os restos ósseos associados aos nacos de carne, ritualmente consumidos pelo fogo. O preenchimento da depressão foi total, incorporando na sua parte mais alta um seixo de quartzito com indícios de ter sido utilizado como brunidor, provavelmente para o acabamento de recipientes cerâmicos (Fig. 12). Admite-se que tal deposição tenha também sido de carácter ritual.

Pode assim concluir-se que a sequência seguida terá sido a seguinte: a) abertura de covacho nos calcários margosos metamorfizados do Cretácico, em talude pré-existente; b) colocação de um grande bloco delimitador da depressão de um dos lados; c) revestimento do fundo e da parte inferior da parede do covacho com fragmentos de uma grande taça de carena alta, típica do Bronze Final, com diversas orientações, nalguns casos imbricados; d) colocação de um vaso em posição vertical, aparentemente inteiro, sobre os fragmentos da taça, cujo conteúdo se desconhece; e) colocação em torno do vaso, eventualmente também no seu interior, de peças de carne de veado e de ovino-caprinos (podendo estar presentes outras espécies) e colocação de um polidor/brunidor para cerâmica, no topo do conjunto assim formado, sobre um seixo rolado de quartzito; f) combustão do depósito, de que resultou um preenchimento terroso castanho-anegrado, com abundância de matéria orgânica, de mistura com esquirolas ósseas escurecidas pelo calor.

A cerca de dois metros para poente deste conjunto, recolheu-se outro pequeno conjunto de ossos reduzidos a esquirolas, provavelmente resultado de operação idêntica, com a queima de nacos de carne em covacho muito arrasado, denunciada pelo círculo escurecido terroso observado no terreno (Fig. 13). Note-se que a forma actual dos restos ósseos, reduzidos a esquirolas, decorre da fracturação produzida pelo forte calor que os actuou, impedindo, por outro lado, a conservação de elementos com possibilidades de diagnose específica, á excepção do fragmento ósseo já referido.

**Conjunto 2** – a poente do conjunto anterior identificou-se novo conjunto cerâmico (Fig. 14, constituído pelos fragmentos de pote de grandes dimensões; (Fig. 19, em baixo, Fig. 20, em baixo), de colo apertado, antecessor dos *dolia* romanos, e que, pela sua tipologia, sugere um momento final do Bronze Final, de transição para a Idade do Ferro. Este exemplar, reduzido apenas a uma porção da sua metade superior, possui pasta com abundantes elementos não plásticos, sendo provável que o engobe e brunimento que ostentava na sua superfície externa tenham desaparecido por erosão. O referido fragmento ocupava, tal como acontecia com o Conjunto 1, uma depressão no terreno, tendo sido colocado de lado, de modo à convexidade do vaso se adaptar à concavidade da depressão previamente aberta no terreno (Fig. 15). Deste modo, a face interna do fragmento do recipiente constituía superfície regular onde se depositaram, também, diversas oferendas cárnicas, muito menos abundantes que as imoladas pelo fogo no Conjunto 1, conforme se comprova pelos escassos restos conservados, apesar de as temperaturas atingidas puderem ter sido superiores às correspondentes ao Conjunto 1, dado que um dos restos ósseos apresenta-se azul-esbranquiçado, coloração que não se observou em nenhum daqueles restos.

**Conjunto 3** – este conjunto cerâmico foi depositado numa pequena área de ampla e larga depressão do substrato geológico, cujo fundo aparenta ostentar vestígios de afeiçoamento por polimento (Fig. 16). Esta realidade sugere que se tratou do aproveitamento de um sector de espaço pré-existente, cuja funcionalidade se

desconhece. Tal qual o verificado com o Conjunto 2, apenas se registou a presença de um grande vaso fechado, faltando-lhe o fundo e a parte superior, do qual se conserva cerca de metade do bojo, cuja parte média é percorrida por carena possuindo mamilos alongados de carácter estritamente decorativo ou simbólico, de coloração castanho-anegrada e cuidada execução, com a superfície brunida e regularizada (Fig. 19, em cima; Fig. 20, ao centro). Foi precisamente esse grande fragmento de bojo que se depositou numa depressão do substrato, formando, como se disse, uma base côncava propícia às práticas rituais associadas aos outros dois conjuntos, também neste denotadas pela existência de depósitos terrosos circundando o fragmento (Fig. 17), contrastando com a coloração esbranquiçada da bancada calcária que lhe serviu de suporte. Contudo, o depósito terroso apresentava desenvolvimento limitado, não tendo sido recolhido nenhum fragmento ósseo, indício que as práticas rituais ali realizadas foram pouco prolongadas.

#### 4 – Discussão e conclusões

O registo arqueológico recuperado em Moita da Ladra 2 afigura-se até ao presente inédito. Com efeito, é conhecida a prática da incineração no Bronze Final em território português, mas circunscrita tradicionalmente à vertente funerária, o que não é manifestamente o caso. Contudo, face às evidências agora recolhidas, é difícil admitir que esta possa configurar ocorrência realmente única. Para afastar a hipótese funerária, que de início foi admitida, foi decisiva a ocorrência de um resto identificado de veado, remetendo assim esta prática ritual para o domínio das cerimónias não funerárias; deste modo, a questão que se coloca, é a de saber quantas necrópoles de incineração o Bronze Final, especialmente na região centro interior do País, não poderão, pelo menos em parte, respeitar a práticas rituais deste tipo, sem rejeitar, naturalmente a existência de verdadeiras sepulturas em tais sítios, que até não seriam incompatíveis com as manipulações de restos animais. Na verdade, o estado de profunda alteração dos escassos restos ósseos recuperados, impede, na quase totalidade dos casos compulsados, quaisquer certezas quanto a estes serem de origem humana. Por conseguinte, permanece por demonstrar cabalmente a finalidade das fossas sob *tumuli* até agora identificadas nos distritos de Aveiro e, sobretudo, de Viseu (Cardoso, 2007), sendo certo que, elas próprias, evidenciam frequentemente assinaláveis diferenças, que nalguns casos evocam finalidades não funerárias. A título de exemplo, bastaria sublinhar a diversidade de estruturas identificadas no conjunto de *tumuli* da Casinha Derribada (Viseu), do início do Bronze Final, devidamente assinalada pelo seu explorador (Cruz, Gomes & Carvalho, 1998). Em uma das fossas sob *tumulus* (monumento 3) foi recolhido conjunto de quatro recipientes originalmente intactos, preenchendo-a completamente (*op. cit.*, Fot. 3). Deste modo, a presença de recipientes em tais estruturas faz deles elementos relevantes nas próprias práticas rituais ali efectuadas, fossem estas funerárias ou não.

Na Moita da Ladra 2, esta realidade pode ser explorada na tentativa de analisar com mais detalhe os três conjuntos cerâmicos encontrados. Na verdade, os fragmentos dos recipientes ali identificados assumem um carácter marcadamente funcional, ao regularizarem depressões no substrato geológico, ao qual se ajustaram cuidadosamente, por forma a criarem superfícies sobre as quais se realizou a combustão de nacos de

animais (no caso, o veado). Viu-se que tais fragmentos constituíram o reaproveitamento de recipientes já incompletos e portanto fora de serviço, aproximando-se neste particular da urna que continha os restos incinerados enterrada sob uma das estruturas habitacionais, igualmente do Bronze Final do Monte de São Domingos (Idanha-a-Nova), a qual se apresentou com a totalidade da parte superior em falta (Cardoso, Caninas & Henriques, 1998). Porém, no conjunto 1 da Moita da Ladra 2, encimando os fragmentos de grande taça de carena alta, que forravam a parte inferior do covacho, foi colocado um vaso inteiro, em posição normal, com paralelo no vaso colocado na mesma posição recolhido no covacho do monumento 3 da Casinha Derribada. E, ainda que sejam muito diferentes as características arquitectónicas deste monumento, face à singeleza da estrutura da Moita da Ladra 2, não deixa de ser relevante sublinhar a valorização comum de recipientes nos rituais realizados em ambos os locais.

A tipologia dos recipientes encontrados em Moita da Ladra 2, que foi possível reconstituir na íntegra, indica um momento final do Bronze Final, em que às formas comuns naquela época, como é o caso da grande taça de carena alta, ou dos vasos de colo alto e carena média, munidos de asas, se juntam outras formas, menos conhecidas, como é o caso do grande vaso de colo apertado, para o qual existem, não obstante, paralelos, como na Penha Verde, Sintra (Cardoso, 2010/2011 a, Fig. 4, n.º 1) e no povoado da Moreirinha (Idanha-a-Nova), onde foram recolhidos dois grandes fragmentos de vasos de tipologia idêntica, mas de menores dimensões que o exemplar em apreço (Vilaça, 1995, Est. 216, n.º 4 e 249, n.º 2). Mais raro é o grande vaso do qual apenas se recolheu porção de bojo, o qual, não obstante o seu grande tamanho, evidencia, pela alta qualidade de fabrico, o esmero dos oleiros do final Bronze Final. Assim, apesar de não ter sido possível obter uma datação de radiocarbono, pelo facto de os ossos incarbonizados a tal não se prestarem (informação recebida do laboratório da Universidade de Waikato, Nova Zelândia), é lícito admitir que a estação se inscreve numa fase terminal do Bronze Final – lembre-se que não se recolheu um único indício de olaria produzida a torno de cunho orientalizante – quando, noutros locais do vale do Tejo, se processavam então os primeiros contactos com comerciantes de origem fenícia. Tal foi a situação identificada no sítio do Cabeço do Mouro (Cascais), em que, não obstante a tipologia dos recipientes se integrar na sua totalidade no Bronze Final, a datação de radiocarbono obtida – cujo limite inferior, para cerca de dois sigma é o início do século VIII a.C. (Cardoso, 2006), indica um período em que os comerciantes fenícios já frequentariam, ainda que de modo exploratório, o estuário do Tejo, tendo presentes os resultados obtidos no povoado de Almaraz (Barros & Soares, 2004). As cronologias obtidas para a ocupação do Bronze Final da Penha Verde (Sintra), entre 1000 e 820 cal BC (Cardoso, 2010/2011 a) e para o casal agrícola do Abrunheiro, Oeiras de 1005-835 cal BC (Cardoso, 2010/2011 b), ambas para cerca de dois sigma, parecem indicar que esta região se encontraria fortemente povoada por comunidades entregues tanto à exploração agro-pastoril como à comercialização de metais e sua manufactura, incluindo o ouro, como apontam as evidências recolhidas na Penha Verde e em outros sítios da região. É neste quadro económico-social que se integra a comunidade que realizou em Moita da Ladra 2 as práticas rituais agora documentadas, que por certo viveria num local próximo, talvez mesmo o alto de Moita da Ladra 1, onde anteriormente se tinha instalado um notável povoado fortificado calcolítico,



conforme alguns achados superficiais de cerâmicas atribuídas ao Bronze Final sugerem (Parreira, 1995) e foi possível comprovar no decurso das escavações (Fig. 21).

A evidência ritual do Bronze Final mais semelhante à identificada em Moita da Ladra 2 corresponde à do já referido casal agrícola do Abrunheiro, Oeiras (Cardoso, 2010/2011 b). As escavações ali efectuadas por Gustavo Marques, permitiram identificar a existência de um recipiente, provavelmente uma taça de carena alta, representado por vários fragmentos, aparentemente tapada por uma laje calcária, que cobria um conjunto abundante de ossos de um único ovino-caprino juvenil. Embora os ossos não evidenciem marcas de fogo, é possível que correspondam a nacos de carne que tenham sido cozinhados, e depois tapados pela referida laje, antes de todo o conjunto ter sido coberto por terra. Esta realidade corporiza, assim, uma prática muito semelhante à identificada em Moita da Ladra 2, afigurando-se, de momento, as duas únicas evidências de manipulação ritual de animais não associada ao respectivo consumo nem a práticas funerárias correlativas, no Bronze Final do território português.

### **Bibliografia**

BARROS, L.; SOARES, A. M. Monge (2004), Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no estuário do Tejo (Almada, Portugal), *O Arqueólogo Português*, Série 4, 22, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 333-352.

CARDOSO, João Luís (2006), A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9 (1), Lisboa, IGESPAR, pp. 21-46.

CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. (2010), Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado, *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a. n. e.*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, pp. 65-95.

CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; HENRIQUES, F. (1998), Duas cabanas circulares da Idade do Bronze do Monte de São Domingos (Castelo Branco), *Estudos Pré-Históricos*, 6, Viseu, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 325-346.

CARDOSO, João Luís (2010/2011 a), A ocupação do Bronze Final do povoado pré-histórico da Penha Verde (Sintra), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, pp. 579-590.

CARDOSO, João Luís (2010/2011 b), O casal agrícola do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, pp. 33-74.

CARDOSO, João Luís (2007), *Pré-História de Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta.

CRUZ, Domingos J.; GOMES, L. F. C.; CARVALHO, P. M. Sobral de (1998), O grupo de *tumuli* da Casinha Derribada (concelho de Viseu). Resultados preliminares da escavação arqueológica dos monumentos 3, 4 e 5, *Conimbriga*, 37, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 5-76.

PARREIRA, Rui (1985), Inventário do Património arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira – Notícia a parcela 403-8, *Boletim Cultural*, 1, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 107-127.

VILAÇA, Raquel (1995), *Aspectos do povoamento da Beira Interior (centro e sul) nos finais da Idade do Bronze*. 2 vols., Lisboa, IGESPAR (Trabalhos de Arqueologia, 9).



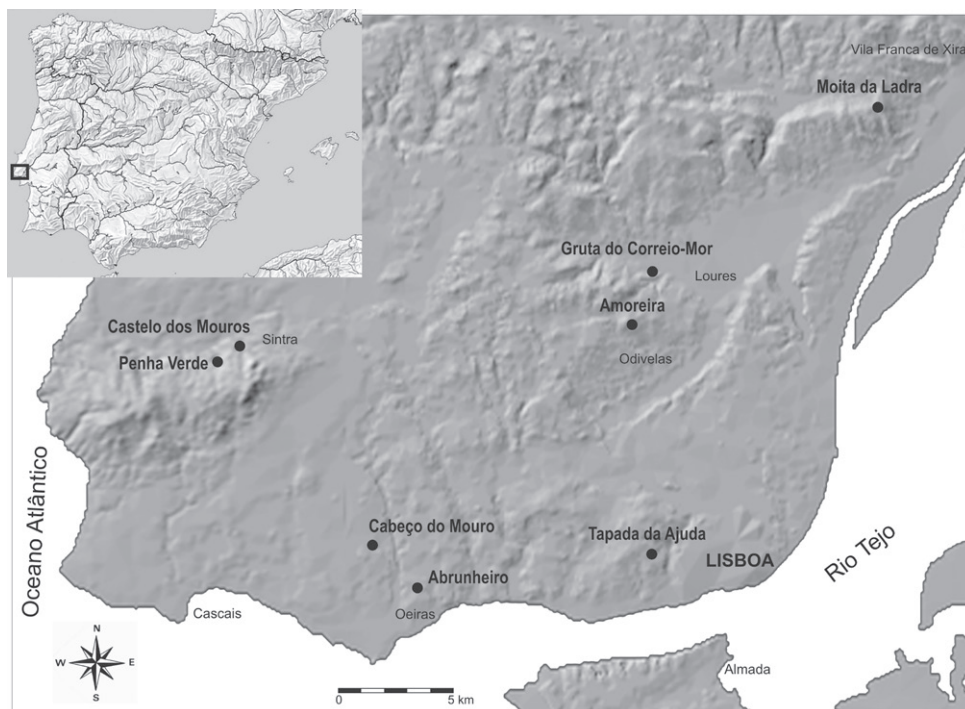


Fig. 1 – Localização de Moita da Ladra 2 na Península Ibérica e na Península de Lisboa, conjuntamente com outras estações do Bronze Final da região.



Fig. 2 – Vista do morro basáltico, à direita, situando-se a estação do lado esquerdo do topo da elevação, sobre a frente da pedreira, antes desta ter destruído o local.

Foto de M. Monteiro.



Fig. 3 – Moita da Ladra 2. Vista geral da área da estação explorada em Julho de 2003, evidenciando-se as duas depressões existentes no substrato geológico, constituído por calcários margosos do Cretácico muito metamorfizados. Em segundo plano, observa-se o morro basáltico onde se implantou o povoado calcolítico (Moita da Ladra 1) e, por detrás, divisa-se o estuário do Tejo.  
 Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 4 – Localização de Moita da Ladra 2 na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000 (folha 403) (obs.: cada lado da quadrícula corresponde a 1 km).





Fig. 5 – Moita da Ladra 2. Vista parcial da área da estação explorada em Julho de 2003, observando-se as duas depressões onde se depositaram fragmentos de recipientes sobre os quais se efectuou a combustão de nacos de carne de animais (veado).

Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 6 – Moita da Ladra 2. Vista parcial das valas abertas com meios mecânicos nas imediações da área da estação explorada em Julho de 2003, com o intuito de identificar outras depressões rituais escavadas no substrato geológico, que não se confirmaram.

Foto de F. Martins.

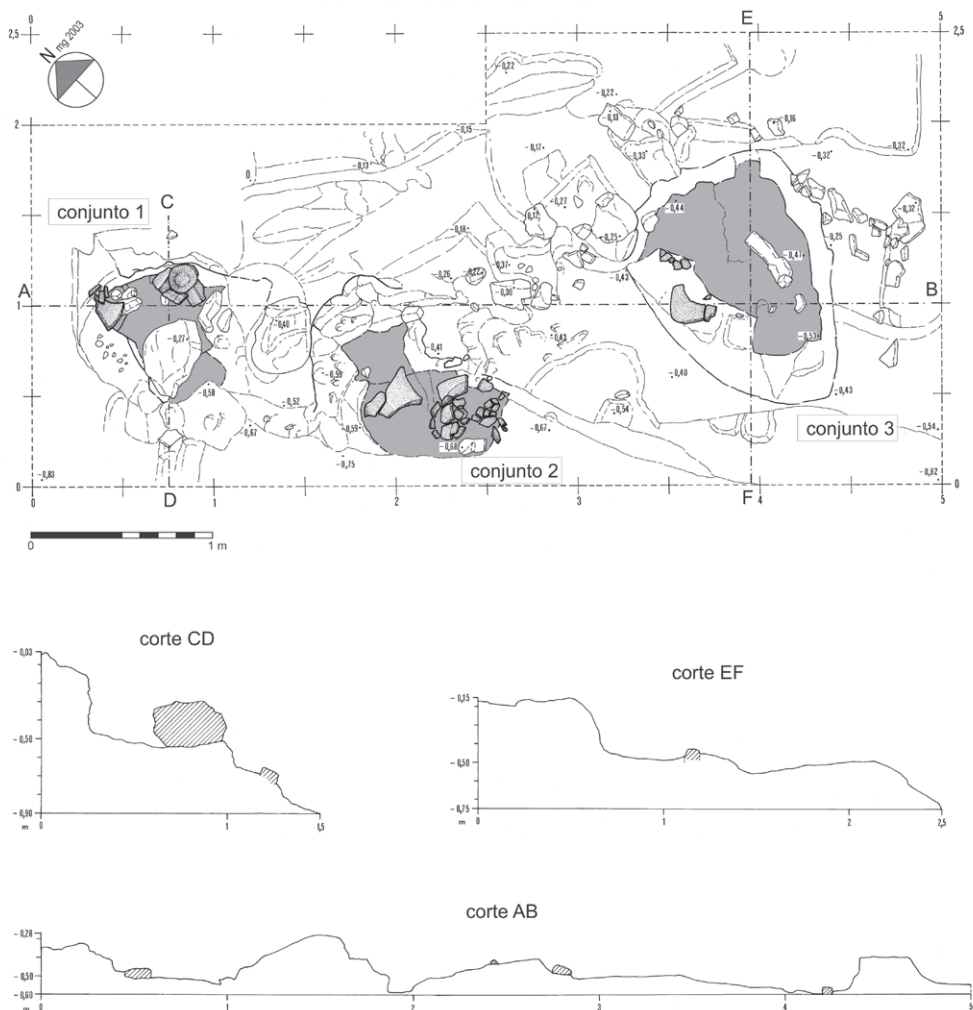


Fig. 7 – Moita da Ladra 2. Planta e cortes da área escavada, indicando-se a *grise* as depressões com concentração de materiais terrosos orgânicos associados a fragmentos de grandes recipientes, formando três conjuntos intencionalmente colocados no terreno.  
 Desenho de B. Ferreira.

Fig. 8 – Moita da Ladra 2.  
 Vista do Conjunto 1, constituído por  
 fragmentos de uma taça  
 de carena alta de grandes dimensões,  
 forrando o fundo da depressão  
 escavada no terreno,  
 depois de retirado o vaso de carena  
 média assente sobre aqueles.  
 Foto de M. Monteiro.



Fig. 9 – Moita da Ladra 2.  
 Conjunto 1, constituído por  
 fragmentos de uma taça de carena  
 alta, de grandes dimensões, forrando  
 a parte inferior da depressão escavada  
 no terreno, sobre os quais foi  
 colocado um vaso  
 de colo médio, intacto.  
 Foto de M. Monteiro.







Fig. 10 – Moita da Ladra 2.  
 Conjunto 1 visto de topo, com os fragmentos de grande taça de carena alta dispostos imbricadamente no fundo da depressão escavada no terreno, sobre os quais foi depositado, em posição normal, um vaso originalmente intacto, de carena média.  
 Foto de M. Monteiro.

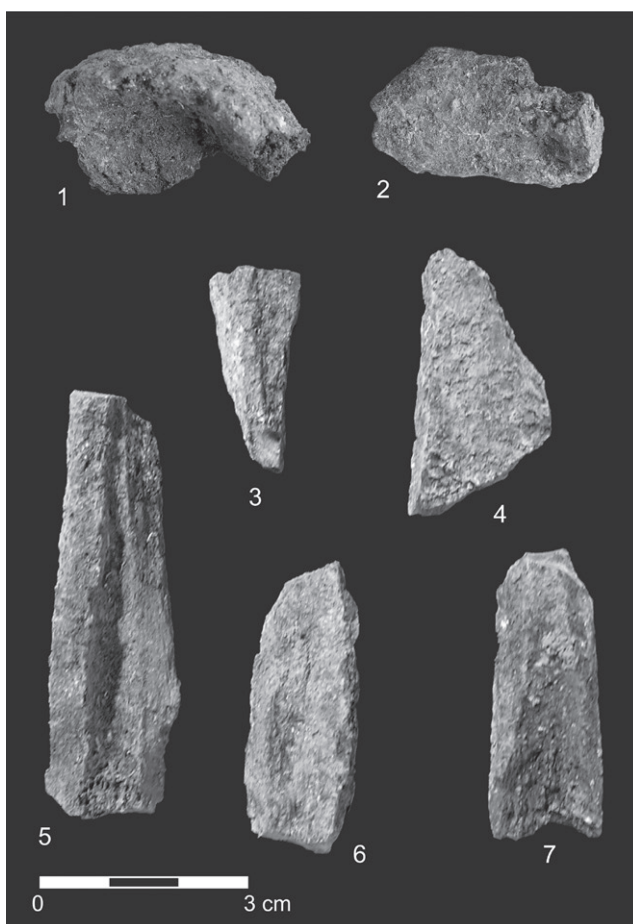


Fig. 11 – Moita da Ladra 2.  
 Conjunto de ossos incarbonizados, recolhidos no Conjunto 1 e no pequeno covacho reproduzido na Fig. 12, dos quais apenas um, situado no canto superior direito da figura, é classificável, correspondendo a fragmento de uma primeira falange de veado (*Cervus elaphus*).  
 Foto de J.L. Cardoso.

Fig. 12 – Moita da Ladra 2.  
 Pormenor da parte superior do  
 enchimento do Conjunto 1,  
 observando-se um seixo de quartzito  
 utilizado como alisador/brunidor  
 para cerâmica.  
 Foto de M. Monteiro.

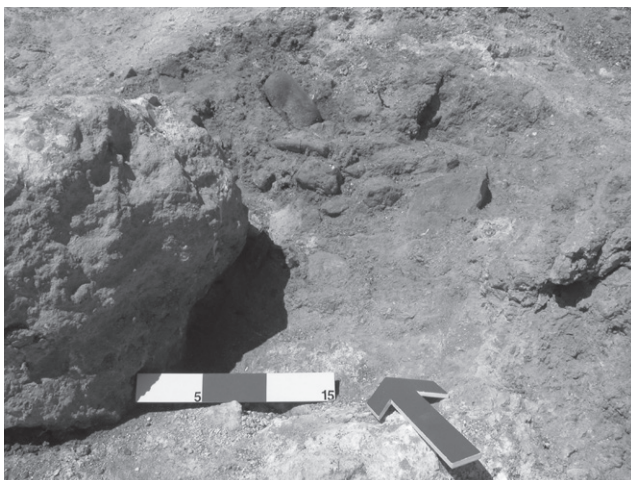


Fig. 13 – Moita da Ladra 2.  
 Pormenor de pequeno covacho  
 aberto no terreno, nas imediações  
 do Conjunto 1 e, tal como aquele,  
 ocupado por terra orgânica,  
 embalando esquirolas ósseas  
 inclassificáveis.  
 Foto de M. Monteiro.



Fig. 14 – Moita da Ladra 2.  
 Vista parcial da área escavada,  
 observando-se à esquerda o local  
 correspondente ao Conjunto 1 e, em  
 último plano, o fragmento do grande  
 vaso que constitui o Conjunto 2.  
 Foto de M. Monteiro.







Fig. 15 – Moita da Ladra 2.  
 Pormenor do Conjunto 2,  
 constituído por grandes fragmentos  
 de um pote de grandes proporções,  
 colocados em depressão previamente  
 existente no terreno.  
 Foto de M. Monteiro.

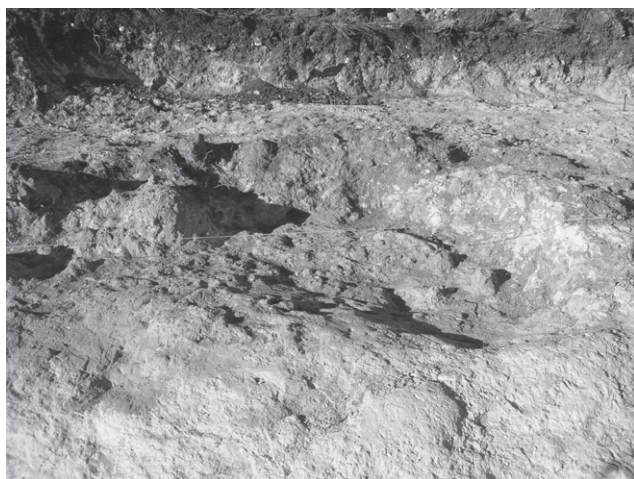


Fig. 16 – Moita da Ladra 2.  
 Vista geral da grande depressão  
 existente no terreno,  
 aparentemente afeiçãoada,  
 correspondente à deposição dos  
 Conjuntos 2 e 3.  
 Foto de B. Ferreira.

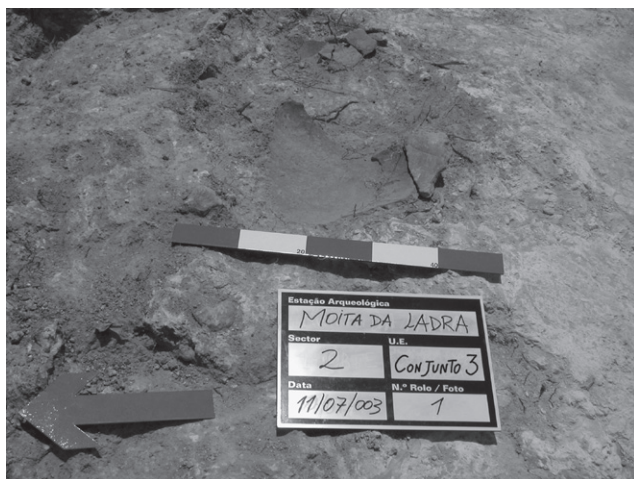


Fig. 17 – Moita da Ladra 2.  
 Pormenor do Conjunto 3,  
 correspondente à deposição de um  
 grande fragmento de vaso fechado  
 na depressão reproduzida na Fig. 16.  
 Foto de M. Monteiro.



Fig. 18 – Moita da Ladra 2.

Em cima: fragmento de vaso de carena média recolhido antes das escavações;  
 ao centro: vaso de carena média que encimava o Conjunto 1;  
 em baixo: grande taça de carena alta, incompleta, cujos fragmentos foram depositados na parte inferior da depressão correspondente ao Conjunto 1, servindo de embasamento ao vaso anterior.

Desenhos de F. Martins.



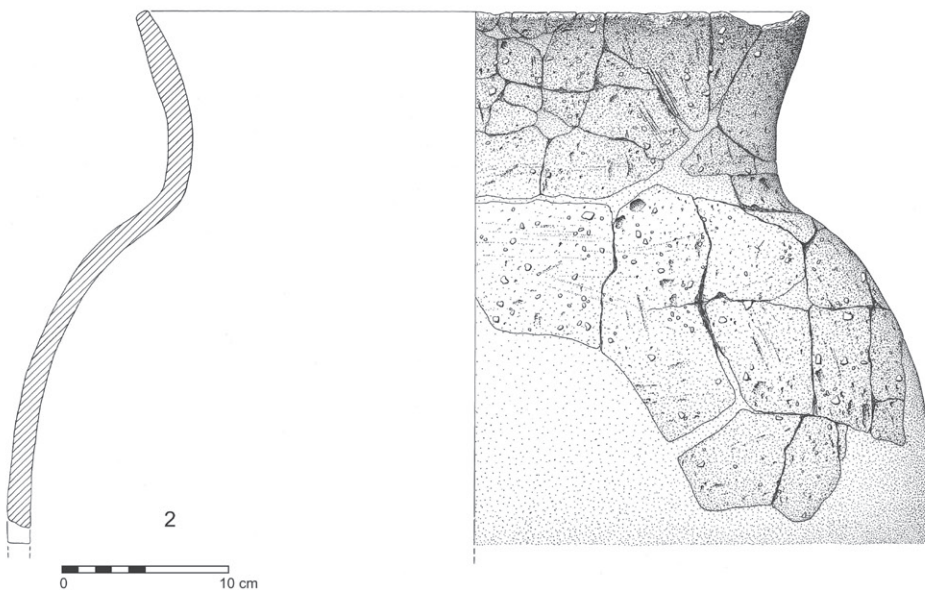
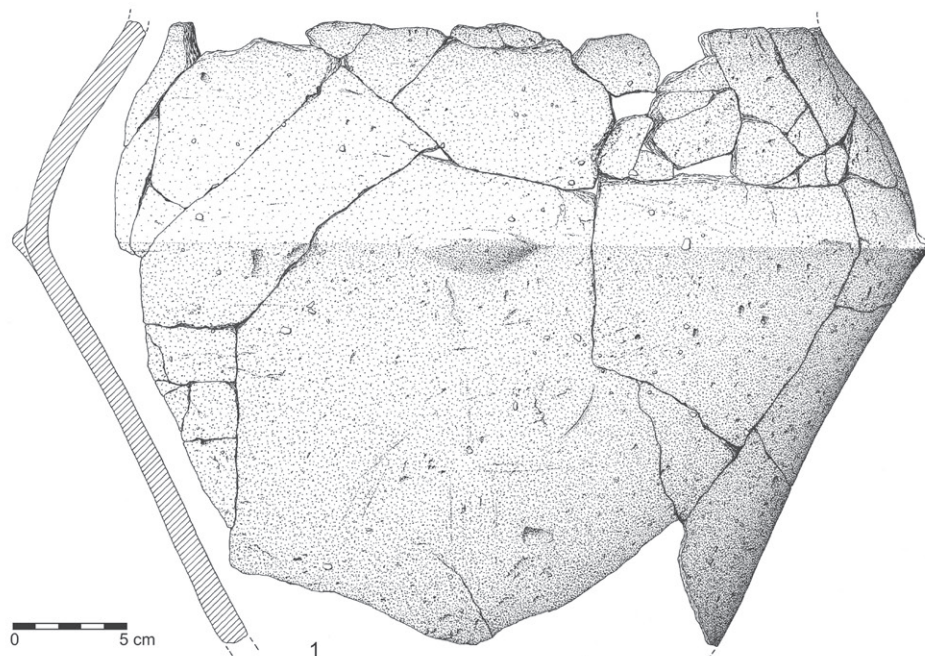


Fig. 19 – Moita da Ladra 2.  
Em cima: fragmento do grande vaso correspondente ao Conjunto 2;  
em baixo: fragmento do grande vaso correspondente ao Conjunto 3.  
Desenhos de F. Martins.



Fig. 20 – Moita da Ladra 2.

Fotos dos recipientes que integravam os conjuntos identificados no terreno, evidenciando as suas dimensões.

Em cima, do Conjunto 1; ao centro, do Conjunto 3; em baixo, do conjunto 2.

Foto de J. L. Cardoso.

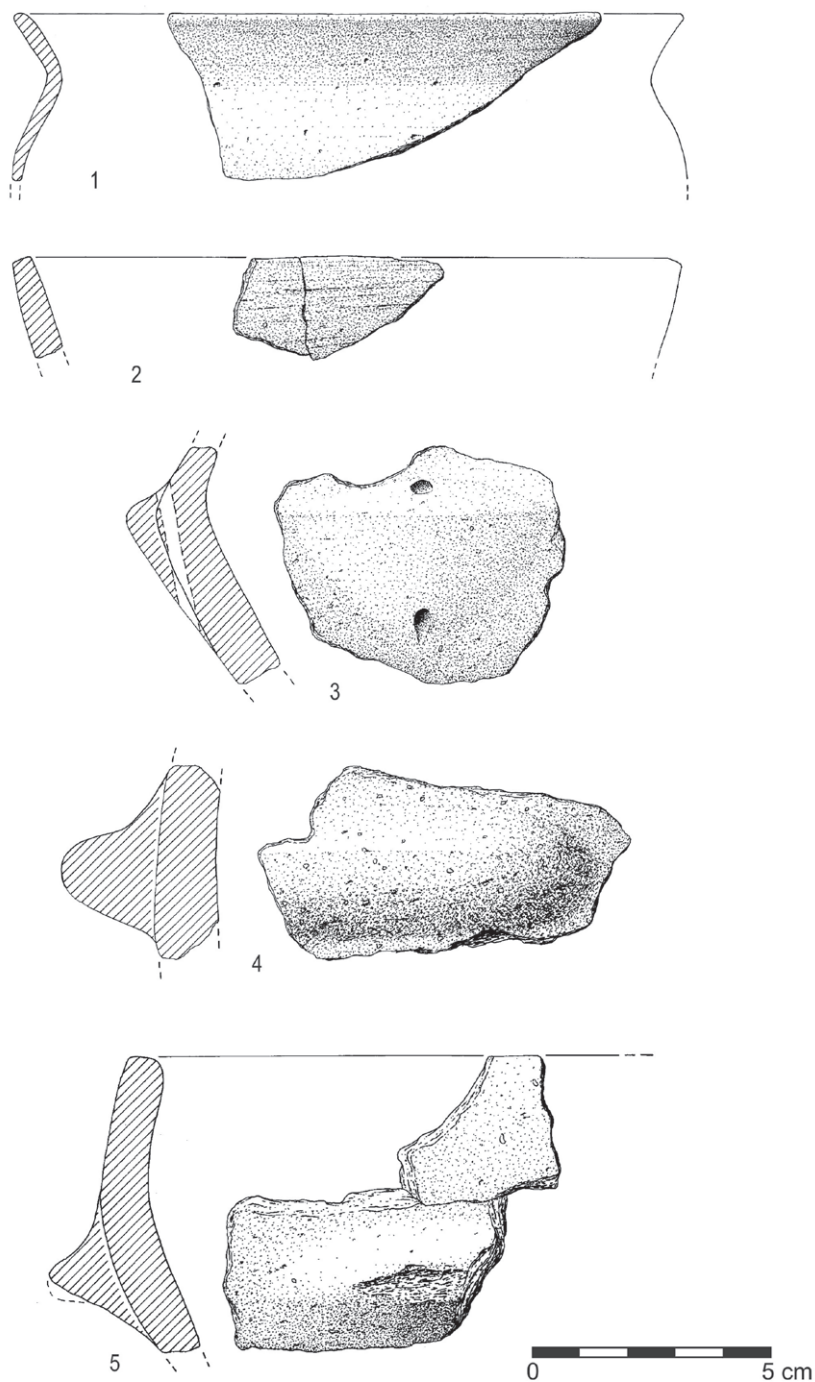


Fig. 21 – Moita da Ladra 1.  
Fragmentos de recipientes do Bronze Final (n.º 3 a 5) e da Idade do Ferro (n.º 1 e 2)  
recolhidos no decurso das escavações.